

Learning by Ear – Aprender de Ouvido

“Todos nós somos diferentes – respeito pelas minorias”

2º Episódio: “Pessoas com deficiência na Nigéria”

Autora: Katrin Gänsler

Editores: Katrin Ogunsade, Adrian Kriesch

Revisão: Tony Dunham

Tradução: Marta Barroso

VOZES:

- Intro/Outro (mulher/homem, female/male): Madalena Sampaio
- Narrador (cerca de 30, mulher/female): Madalena Sampaio

4 Voice-overs:

- Lois Auta (31, mulher/female) (Inglês): Marta Barroso
- Mathilda Auta (20, mulher/female) (Inglês): Maria João Pinto
- Sergio Mainetti (44, homem/male) (Inglês): António Cascais
- Jamilah Hamza (45, mulher/female) (Inglês): Cristina Krippahl

Pronúncia:

Sergio Mainetti: Sér-djio

Jamila Hamza: Dja-mi-la Ham-za

Intro:

Olá! Bem-vindos ao “Learning by Ear – Aprender de Ouvido” e ao segundo programa da série intitulada “Todos nós somos diferentes – respeito pelas minorias”.

Hoje, vamos visitar Lois Auta. A nigeriana de 31 anos vive num pequeno apartamento em Abuja, a capital do seu país. Todos os dias alguém tem de ir ajudá-la, porque Lois está confinada a uma cadeira de rodas desde os dois anos. Mas mesmo assim, ela tem a sua vida sob controlo e quer encorajar outras pessoas com deficiência a consegui-lo também.

Música: “Poug Peloum”, Nouss Nabil

1. Atmo: Cadeira de rodas (SFX: Wheelchair)

2. Narrador:

Isaak tira a cadeira de rodas da parte de trás da sua carrinha com o à vontade de quem o faz regularmente. Em poucos minutos monta a cadeira de forma a que Lois Auta possa sentar-se nela. Lois fica-lhe sempre grata pela ajuda – se não fosse ele, a nigeriana não poderia ir para o trabalho.

Vinte minutos depois, chegam ao complexo da empresa petrolífera estatal, a Nigerian National Petroleum Corporation.

3. Atmo: Cadeira de rodas

(SFX: Wheelchair)

4. Narrador:

O sol está quente e na longa subida que leva à porta do edifício, Lois tem de fazer várias pausas. Com calma consegue chegar ao seu escritório.

5. O-Ton Lois Auta (Inglês):

“Eu movo-me sem pedir ajuda a ninguém, porque rampas existem por todo o lado. E esta rampa é muito prática para pessoas com deficiência. Aqui na empresa pensam em nós e tratam-nos muito bem.”

6. Narrador:

Entre os mais de 150 milhões de habitantes da Nigéria, calcula-se que 20 a 22 milhões tenham alguma deficiência. E estes, normalmente são excluídos da vida social normal. Jamilah Hamza também sabe como é difícil o seu dia a dia. Ela trabalha na Comissão Nacional para os Direitos Humanos e é responsável pelos interesses das pessoas com deficiência.

7. O-Ton Jamilah Hamza (Inglês):

“A maioria dos nossos edifícios públicos não é acessível para pessoas com deficiências motoras: não há rampas, não há elevadores, portanto alguém que se tem de deslocar numa cadeira de rodas ou com muletas não pode subir a um quinto andar, por exemplo. Portanto, essa pessoa não pode usufruir dos serviços desse piso.”

8. Narrador:

A Nigéria ratificou a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos de Pessoas com Deficiência em setembro de 2010. Com o documento espera-se que as pessoas afetadas não estejam em desvantagem legal nem social em relação àqueles que não têm qualquer deficiência física. Contudo, na Nigéria nada mudou desde então: as pessoas com deficiência ainda esperam por uma lei nacional que ponha em prática os mesmos objetivos da convenção das Nações Unidas.

A lei foi aprovada pelo parlamento em 2011, mas continua na secretária do presidente Goodluck Jonathan. Só depois de o Chefe de Estado a assinar será possível exercer pressão sobre o governo. Jamilah Hamza, da Comissão Nacional para os Direitos Humanos da Nigéria, está ansiosa que isso aconteça.

9. O-Ton Jamilah Hamza (Inglês):

“Logo que a lei seja assinada pelo presidente, as pessoas com deficiência terão mais direitos nas áreas da educação, da saúde e da informação, por exemplo. Provavelmente, nos noticiários de todos os canais de televisão nacionais haverá legendas com linguagem gestual para surdos.”

10. Atmo: Keyboard

(SFX: Keyboard)

11. Narrador:

Lois tem um trabalho de secretaria na empresa estatal de petróleo, a Nigerian National Petroleum Corporation. Normalmente reparte as tarefas com quatro colegas, mas hoje Lois está sozinha. Quando termina de escrever uma carta, lembra-se da origem da sua deficiência.

12. O-Ton Lois Auta (Inglês):

”Quando eu tinha dois anos, tive febre e a minha mãe levou-me ao hospital. Quando cheguei lá, deram-me uma injeção e adormeci. E quando acordei, a minha mãe disse-me para me levantar e levar os medicamentos, mas desde então nunca mais consegui andar.”

13. Narrador:

Foi-lhe diagnosticada poliomielite, uma doença infecciosa que pode causar paralisia. Enquanto a mãe chorava, o pai responsabilizava os médicos pela condição da filha. Mas mesmo paralisada, Lois frequentou a escola. Depois, fez um estágio e começou a trabalhar na petrolífera nigeriana. Agora, Lois tem um novo objetivo: estudar administração pública. Ela sabe que, sem o apoio da família, nunca teria chegado onde chegou. Os pais e os irmãos não só a encorajaram como também a protegeram de discriminação. Contudo, Lois ainda se lembra de um incidente:

14. O-Ton Lois Auta (Inglês):

“Eu lembro-me de um dia em que vínhamos da escola, eu e o meu irmão mais novo. Aí, um rapaz chamou-me ‘gurgua’, que, em haúça significa rapariga deficiente. O meu irmão ficou muito zangado e avisou-o de que aquela deveria ser a primeira e última vez que ele me chamava aquele nome.”

15. Narrador:

Lois sorri quando se lembra de como o irmão mais novo a defendeu. Tanto na Nigéria como noutros países, essa dedicação não é muito comum: lá, uma criança com uma deficiência é vista, por muitas famílias, como uma desgraça. Jamilah Hamza, da Comissão Nacional para os Direitos Humanos da Nigéria, ouve muitos preconceitos no seu trabalho diário.

16. O-Ton Jamilah Hamza (Inglês):

“Há famílias que acreditam que uma criança com deficiência é mau agouro. Algumas tentam mesmo matar as crianças. E se não as matam, trancam-nas em casa. Porque acham que é uma vergonha ou uma maldição e não querem ser associadas a elas. E sendo excluídas da sociedade, são verdadeiramente discriminadas: são as pessoas que estão no nível mais baixo.”

17. Narrador:

As consequências podem ser devastadoras. Pessoas com deficiência não têm quem as defenda, a não ser que a família as apoie como no caso de Lois.

Hoje, a jovem vai para casa mais cedo. O seu apartamento fica nos arredores de Abuja. O seu tio também lá vivia, mas depois teve de se mudar. Lois vive lá de graça. Mas a vida nas barracas da periferia da capital não é fácil sobretudo para quem tem alguma deficiência física.

18. Atmo: Cadeira de rodas (SFX: Wheelchair)

19. Narrador:

A sua velha cadeira de rodas é também um problema: além de fazer muito ruído, Lois tem de fazer grande esforço para a conseguir mover. Na verdade, ela gostava de ter um modelo elétrico, mas isso é praticamente impossível na Nigéria. Sergio Mainetti, diretor da organização de ajuda a pessoas com deficiência Christoffel-Blinden-Mission em Abuja, explica porquê:

20. O-Ton Sergio Mainetti (Inglês):

“Aqui na Nigéria só conseguimos o modelo normal da China. Em nenhuma farmácia se preocupam com o tamanho da pessoa ou a condição da pessoa ou com os sítios por onde vai passar a cadeira.”

21. Narrador:

Lois pára em frente da porta de casa. É uma barreira aparentemente pequena, mas para passá-la precisa de ajuda.

22. O-Ton Lois Auta (Inglês):

“Não é tão acessível como eu gostaria por causa do piso em frente da porta. É preciso levantar a cadeira de rodas para se poder entrar.”

**23. Atmo: Chamada
(SFX: Call)**

24. Narrador:

E portanto Lois tem de ligar à irmã, Mathilda Auta. A jovem de 20 anos já fez o jantar. Ela estuda sociologia, mas neste momento está de férias e fica a dormir na casa da irmã.

25. O-Ton Mathilda Auta (Inglês):

“Eu ajudo-a: lavo-lhe a roupa e faço-lhe os trabalhos domésticos. Sempre que estou por perto.”

26. Narrador:

Lois fica contente com a ajuda: depois de um dia de trabalho está exausta. Enquanto se senta num colchão no chão, Mathilda vai buscar uma garrafa de água. E enquanto isso, diz orgulhosa da irmã:

27. Mathilda Auta (Inglês):

“Ela é uma pessoa determinada e empenhada. Ela só quer o melhor.”

28. Narrador:

Contudo, apesar de toda a determinação, Lois ainda não tem duas coisas: o homem dos seus sonhos e filhos. Ela quer criar a sua família e há alguns anos pensava que estaria perto. Mas depois tudo correu mal.

29. O-Ton Lois Auta (Inglês):

“Eu namorei três anos com um rapaz. Ele amava-me e até me levou a casa dos pais para nos apresentar. Mas quando lá chegámos, eles expulsaram-me, porque não querem uma nora deficiente. Não vai dar enquanto eles forem vivos.”

30. Narrador:

Apesar disso, Lois não desistiu de encontrar o homem certo para si. Os preconceitos que há contra pessoas com deficiência entristecem-na, mas também a enfurecem. E por isso ela quer provar aos homens precisamente o contrário:

31. O-Ton Lois Auta (Inglês):

“A maioria dos rapazes vê-nos como mulheres incapazes de tomar conta de casa. Alguns até acham que não conseguimos ter relações sexuais. Mas conseguimos – e conseguimos bem.”

32. Narrador:

Além de ter a sua família, Lois também tem outra ambição: ela quer ser levada a sério e respeitada como nigeriana e não como uma mulher numa cadeira de rodas que precisa que tenham pena dela. Porque todos os dias, ela prova que tem a vida sob controlo.

Música: “Poug Peloum”, Nouss Nabil

Outro:

E é assim que chegamos ao fim do segundo programa da série do “Learning by Ear – Aprender de Ouvido” intitulada “Todos nós somos diferentes – respeito pelas minorias”. Este episódio foi escrito por Katrin Gänsler.

Lembrem-se de que podem voltar a ouvir este episódio ou deixar os vossos comentários, visitando a nossa página web em:

www.dw.de/aprenderdeouvido

[w w w ponto d w ponto d e barra aprender de ouvido]

Também podem ouvir os episódios de todas as séries do Learning by Ear - Aprender de Ouvido como podcast em:

www.dw.de/lbepodcast

[w w w ponto d w ponto d e barra l b e podcast]

Gostaram deste programa ou têm sugestões para mais programas do Learning by Ear?

Escrevam-nos um e-mail para:

afriportug@dw.de

Ou enviem uma SMS para o número: 00 49 17 58 19 82 73.

Repetimos: 00 49 17 58 19 82 73.

Também podem mandar uma carta para:

Deutsche Welle – Programa em Português

53110 Bona

Alemanha

Até à próxima!